



*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA <i>NEIGHBOURS</i> DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
Rosilda Alves Bezerra	
Lorraine Sobral Correia de Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.8942026101	
CAPÍTULO 2	14
A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA	
Rosalina Albuquerque Henrique	
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	
DOI 10.22533/at.ed.8942026102	
CAPÍTULO 3	20
O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM <i>O RETRATO DO REI</i> , DE ANA MIRANDA	
Cristina Reis Maia	
DOI 10.22533/at.ed.8942026103	
CAPÍTULO 4	32
AS MARCAS DA OPRESSÃO EM <i>SELVA TRÁGICA</i> , DE HERNANI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
João Batista Cardoso	
Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.22533/at.ed.8942026104	
CAPÍTULO 5	43
POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE <i>O LOUCO DO CATI</i> DE DYONÉLIO MACHADO	
Nailton Santos de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.8942026105	
CAPÍTULO 6	64
A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE	
Carina Marques Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.8942026106	
CAPÍTULO 7	74
O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: <i>A VIUVINHA</i> , DE JOSÉ DE ALENCAR, E <i>A ABELHA</i> – VERDADE E CARIDADE	
Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	
DOI 10.22533/at.ed.8942026107	

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24.....	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25.....	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26.....	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	281
ÍNDICE REMISSIVO.....	282

CAPÍTULO 11

ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 06/07/2020

Maria Zilda da Cunha

Universidade do Minho, Portugal; (USP-2002);
PUC/SP (1997);
Orcid:0000-0003-0102-4445.

Maria Auxiliadora Fontana Baseio

(UNISA/FRS)
Universidade do Minho, Portugal
(USP-2007);
Orcid: 0000-0003-3474-9434.

RESUMO: Os heróis exercem grande fascínio para crianças e jovens, porque, incontestavelmente, reverberam o desejo humano de superar situações-limites. Ao reunir sentimento e ação, seu destino é o ritual iniciático – que se traduz como aventura. Essas imagens arquetípicas tomam feições singulares de acordo com a cultura e o contexto em que se inserem e, pela força do imaginário, são capazes de circular em diferentes linguagens, códigos e suportes. Este trabalho analisa, com os instrumentais dos estudos comparados, a obra *Kiriku e a feiticeira*, de Michel Ocelot, em suas expressões em livro e filme.

PALAVRAS-CHAVE: herói; Imaginário; literatura de recepção infantil; estudos comparados de literatura; *Kiriku e a feiticeira*

BOOK AND SCREEN: THE HERO'S ADVENTURE IN LITERATURE FOR CHILDREN

ABSTRACT: Heroes exert a great fascination for children and young people because they undeniably reverberate the human desire to overcome limit situations. Considering feeling and action, their destiny is the initiation ritual - which can be translated as adventure. These archetypal images take on singular features according to the culture and context in which they are inserted and, by the force of the imaginary, they can circulate in different languages, codes and supports. This work analyses *Kiriku e a feiticeira*, the book and the film, by Michel Ocelot's, taking into account the instruments of comparative studies.

KEYWORDS: hero; imaginary; literature for children; comparative studies; *Kiriku e a feiticeira*

INTRODUÇÃO

Sabemos que a cultura se constitui pela interação dos homens e de suas manifestações em códigos e linguagens. Temas, motivos, imagens, figuras, transitam entre diferentes sistemas sociais, culturais, estéticos, nos diversos espaços e tempos, sendo permanentemente relidos e ressignificados.

Uma das figuras que se desloca nas diversas culturas humanas é o herói, no qual se projetam ideais, valores, fundamentos da existência. Desde o semideus da antiguidade grega aos pós-modernos heróis urbanos, as figurações histórico-culturais desse arquétipo

apresentam-se plurais. Essa imagem arquetípica revela-se em múltiplas faces, há heróis míticos, épicos, romanescos, picarescos, assim como há anti-heróis e super-heróis que problematizam a condição humana e, por isso, exercem grande fascínio.

Importa-nos, nesta investigação, perscrutar as formas de conformação dessa figura arquetípica, bem como sua ação iniciática, a aventura, em diferentes sistemas de signos. Para tanto, analisaremos a obra *Kiriku e a feiticeira*, de Michel Ocelot, em suas expressões artísticas na forma de livro e filme. Nosso percurso metodológico pauta-se nos estudos comparados de literatura, que nos permitem análises críticas, a fim de compreender fenômenos culturais e artísticos. Essa possibilidade interpretativa advoga a favor da autonomia e da especificidade de cada arte, salvaguardando seu respectivo valor dentro do campo semiótico em que se corporificam. Assim, consideramos que está em jogo a função estética no sentido de que uma obra traduz criativamente a outra para com ela criar ressonância, não para completá-la ou para contemplá-la como superior.

Em geral, as adaptações são realizadas da literatura para o cinema. No caso em questão, *Kiriku e a feiticeira* (*kirikou et la sorcière*), trata-se de um desenho animado adaptado para livro. A animação tem como diretor Michel Ocelot, com trilha assinada pelo músico senegalês Youssou N'Dour, foi produzida em 1998 e venceu, em 1999, o Grande Prêmio do Festival Internacional de Annecy, chegando ao Brasil em 2002. Em 2016, Michel Ocelot adapta para livro.

1 | O HERÓI E A AVENTURA

À medida que um herói emerge nas produções artísticas, ele nos convida a revisitar sua antiga natureza – sua forma arquetípica, que, no entender de Jung, mostra-se como

[...] certos esquemas estruturais, pressupostos estruturais de imagens (que existem no âmbito do inconsciente coletivo e que, possivelmente, são herdados biologicamente) enquanto expressão concentrada de energia psíquica, atualizada em objeto. (JUNG apud MELETÍNSKI, 1984, p. 20)

Para o referido autor, os arquétipos traduzem acontecimentos anímicos inconscientes em imagens do mundo exterior e representam etapas do processo de individuação. Jung discute a questão do herói, mostrando que símbolos se originam de uma necessidade psicológica e assumem formas que perpassam as sociedades. Ao tratar do nascimento do herói, assinala que, como figura humana, ele é uma das formas de representação da libido (e por extensão do espírito) de grande pregnância simbólica, daí que sirva de matriz prototípica de muitos mitos, lendas e epopeias. Fundador e transgressor, mediador entre lei e contra-lei, ele instaura a ordem humana pela ruptura com a ordem divina, daí sua liminaridade entre dois mundos: o dos vivos e o dos mortos, o dos civilizados e o dos selvagens. Neste sentido, o herói mítico constitui modelo exemplar para outros tipos heroicos.

Na visão de Gilbert Durand (1984, p.202 -215), o herói é visto também como um arquétipo, sua figura é um mitologema universal, representa uma constante do imaginário coletivo inscrito no Regime Diurno das estruturas antropológicas do imaginário. Nesse sentido, contrapõe-se o herói ao monstro sendo o primeiro considerado arquétipo nas estruturas presididas pelo *schème* verbal da separação.

Habitante do inconsciente coletivo e do imaginário humano, esse arquétipo é um catalisador de esperança, capaz de pôr em curso a possibilidade de vida diante e contra o mundo da morte, podendo, em seu dinamismo, fazer aperfeiçoar nossa condição no mundo. É inegável que exerce grande fascínio em todos os lugares e tempos, porque traz uma aspiração humana universal: o desejo de superar situações-limite, por isso, seu destino é a aventura, na qual se inscreve o ritual iniciático.

O herói é aquele que se lança ao que advém (*aduenire*, a(d)ventura), disponibilizando-se para o outro. Ao lançar-se à busca de algo perdido, do invisível, do elã vital ou espiritual, favorecerá a transformação de si, de outros, do mundo.

Campbell (1997, p.36) apresenta o “percurso padrão da aventura mitológica do herói” como “separação – iniciação – retorno”. O herói afasta-se de seu mundo habitual, passa por uma iniciação e retorna enriquecido e vitorioso trazendo benefícios ao reintegrar-se à sociedade de onde partiu.

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1997, p. 36).

Para o referido autor, “o âmbito de ação do herói não é o transcendente, mas o aqui e o agora, na esfera do tempo, o âmbito do bem e do mal [...]” (CAMPBELL,1990, p.69), podendo realizar dois tipos de proeza: uma física, “em que pratica um ato de coragem, durante a batalha, ou salva uma vida”, e uma espiritual, “na qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem. (CAMPBELL,1990, p.131)

É dessa jornada imaginária, presente tanto no livro, quanto no filme, que trataremos primeiramente neste artigo. Para isso, a narrativa em livro nos facilitará a transcrição das cenas.

1.1 A partida do herói: Kiriku e o chamado para a aventura

Kiriku nasce em uma aldeia africana, em uma casa simples, dentro de um contexto de vida familiar. Logo, toma conhecimento de sua vocação e do chamado para a aventura:

- Mãe, me ajuda a nascer! [...]

- Uma criança que fala na barriga da sua mãe sabe nascer sozinha.[...]

- Uma criança que nasce sozinha se lava sozinha.

Kiriku salta em uma bacia e respinga água alegremente ao redor.

- Não esbanje água. Karaba, a feiticeira, secou nossa fonte. Ela devorou seu pai e todos os homens da aldeia. Só restou seu tio. Ele está no caminho dos flamboyants, indo combater a feiticeira.

- Então, eu devo ir ajudá-lo. - grita Kiriku. (OCELOT,2016, p.5).

Enuncia-se o motivo para a aventura, que, de acordo com Campbell (1990, p.131), “começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte em uma série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida”.

O pequeno sai da sua zona de conforto ao lado da mãe para aventurar -se ao combate do mal. Apresenta-se ao tio, que não aceita a ajuda pelo fato de o menino ser muito pequeno, mas, quando percebe, o garotinho está escondido embaixo de um chapéu que corre ao seu lado. Em seguida, os dois se deparam com Karaba, a feiticeira, ativa e convencida, solicitando o chapéu mágico onde se escondia Kiriku, em troca de acabar com os males que ela fazia à aldeia. Mas o menino foge com o chapéu. Karaba se enfurece e manda seus guardiões para saquear o ouro da aldeia e vive criando armadilhas para prejudicar as pessoas do lugar. Kiriku sempre fica alerta para as ciladas, avisa os companheiros, entretanto nunca é ouvido, tampouco reconhecido. Mesmo assim, salva-os sempre, em nenhum momento, recusa o chamado, sujeitando-se, para isso, a todo tipo de provação.

Ao sofrer junto aos seus a falta de água, o pequeno decide ir em busca do segredo da fonte enfeitada. Nessa parte do percurso, vivencia uma iniciação, ao que Campbell designou de “passagem pelo primeiro limiar” (CAMPBELL,1997, p.82-91), seguida da grande iniciação, simbolizada pelo encontro com o “monstro nojento e todo inchado” e o enfrentamento dessa difícil situação.

1.2 A iniciação do herói: o caminho de provas

No trajeto iniciatório, o personagem passa por espaços misteriosos e perigosos, sendo auxiliado por agentes benignos, vai sofrendo provações de natureza e de intensidade diversa. Experimenta a iniciação de várias formas: a “passagem pelo primeiro limiar” e a “passagem para o reino da noite”, simbolizados pelo encontro com o Monstro na caverna. Em seguida, a “passagem pelo limiar do retorno” (CAMPBELL, 1997, p.213 -225).

Kiriku encontra o guardião do limiar, ou seja, aquele que guarda a passagem, depara-se com um monstro, que se esconde dentro de uma caverna.

ele rasteja, bate, geme e acaba chegando numa enorme caverna. Um monstro nojento e todo inchado aparece diante dele. [...] Kiriku sai, pega um ferro em brasa e retorna correndo. Ele crava o ferro na barriga do monstro! A besta inflada de água explode como um maremoto, inundando a caverna. Kiriku é levado pela onda da maré, ele se choca com as paredes e se afoga. (OCELOT,2016, p.19)

O menino enfrenta e vence o monstro da caverna, levando água para a aldeia, entretanto sofre uma quase morte física e renasce. “O ventre da baleia, ou a passagem para o reino da noite”, segundo Campbell (1997, p. 91 -94), ocorre do seguinte modo: “A ideia de que a passagem do limiar mágico é uma travessia para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu” (CAMPBELL, 2007, p.91). Penetra no ventre da baleia, como sucedâneo do ventre materno, para nascer de novo. Em primeiro momento, ele se autoaniquila para seguidamente renascer, o que significa sempre um “ato de concentração e de renovação da vida” (CAMPBELL, 1997, p.93).

A água está de volta! A alegria da aldeia dura pouco. Na fonte, flutua um corpo sem vida do valente Kiriku. Sua mãe o toma em seus braços, o aperta contra seu peito e começa a cantar baixinho. Os aldeões, inclinados sobre a criança, também cantam suavemente. É então que uma pequena tosse interrompe a cantoria. Kiriku está vivo!

-Eu venci! – fala Kiriku, com uma voz fraca.

- Ele venceu! – gritam todos da aldeia.

Todos dançam e cantam com alegria. (OCELOT,2016, p.20)

Ressalta-se, na passagem acima, a caverna, a escuridão, a água e o monstro, como elementos que reforçam o cenário iniciático do regime noturno da imagem, tipificados pelas estruturas místicas e dominados pelos “schèmes” verbais descer, possuir e penetrar (DURAND, 1984, p. 308, 310 e 313).

O renascimento de Kiriku, neste primeiro limiar, foi físico, uma vez que estava afogado. Ainda assim, ele trouxe libertação do mal para a aldeia:

Kiriku é pequeno, mas ele pode muito!

Kiriku não é grande, mas ele é valente!

Kiriku nos libertou de quem nos enfeitiçou! OCELOT,2016, p.21)

Entretanto, isso não lhe bastou, ele queria perscrutar a causa do mal. Ao perguntar à mãe, obtém a informação de que somente o sábio na montanha, seu avô, poderia lhe

dar uma resposta, mas teria que enfrentar mais obstáculos, atravessar para o outro lado e, para isso, deveria passar pelo controle de Karaba. A mãe o auxilia na passagem, oferece o punhal do pai de Kiriku e o pequeno “mergulha nas profundezas da terra”, avança num labirinto de galerias e vai cavando em direção ao domínio do sábio da montanha. Ele sobe, desce, perde-se, enfrenta um gambá, salva os filhotes de esquilo e vai desbravando corajosamente a terra, até respirar aliviado do outro lado, onde, com astúcia, consegue voar nas costas de um pássaro até um ponto da montanha, depois enfrenta um javali e, novamente, com sua inteligência e ousadia, este o leva ao Grande Cupinzeiro, já domínio do velho da Montanha, seu avô.

O culminar da iniciação de Kiriku não se deu com o encontro com a deusa (CAMPBELL, 1997, p. 111 -120), o que acontece “quando todas as barreiras e ogros foram vencidos”, mas com o avô, figura de relevância quando se trata de sabedoria para a cultura africana.

Assim, as provações iniciáticas ajudaram a preparar a sua lenta transformação. Com o avô, aprende o sentido do mal de Karaba. O velho explica que ela é malvada porque colocaram um espinho envenenado em sua coluna. Diz o menino, destemidamente: “- Eu arrancarei o espinho das costas de Karaba ou morrerei.” (OCELOT,2016, p.34)

Kiriku faz um plano de tirar Karaba de seu domínio e, para isso, deve roubar-lhe o ouro. Cava um túnel, com seu punhal, debaixo do cesto que contém as joias, e as retira. Karaba enfurece e ameaça matar o menino. Ele se embrenha na floresta e, embaixo da Grande Árvore, coloca as joias. Ela ali se ajoelha para procurar, e o menino, escondido em cima da árvore, vê o espinho, lança-se sobre suas costas e retira-o com os dentes. A feiticeira grita tão alto que assusta todos da floresta, da savana e da aldeia. Depois de um largo silêncio, tudo renasce na natureza, pássaros cantam, árvores desabrocham flores.

Para redimir-se e mostrar sua gratidão ao menino, Karaba pergunta o que poderia fazer. Ele sugere casar-se. Mas ela retruca dizendo que ele ainda é pequeno. Então, o menino sugere um beijo, que se consuma, e depois disso, magicamente, ele cresce e se torna um grande guerreiro. Mediante a “passagem pelo limiar do retorno”, faz o seu regresso à vida metamorfoseado num outro, ainda que ele mesmo.

1.3 O retorno de Kiriku

As sucessivas iniciações descritas prefiguravam a transformação de Kiriku “num rapaz como todos os outros”. Na sua condição de herói de caráter mitológico, embora circunscrito em um conto, sai voluntariamente de sua aldeia em direção ao limiar da aventura. Ali encontra o Monstro, uma presença sombria que guarda a passagem. Enfrenta-o destemidamente e o vence com seu punhal.

Continua sua aventura além do limiar, enfrentando forças adversas, algumas o ameaçam fortemente, outras o auxiliam. Kiriku nasce pelo menos duas vezes: a primeira

fisicamente; a segunda espiritualmente. E nessa última etapa, o retorno se prefigura. No limiar de retorno, o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A força que ele traz consigo restaura o mundo. O ponto alto da narrativa dá-se com a sua transformação em rapaz, com o casamento com a feiticeira e com o retorno à aldeia. O mal não foi apenas vencido, mas sua raiz tornou-se conhecida, consciente. Eis a recompensa.

Para Junito Brandão (1997, p. 15), herói, de héros, remete àquele que guarda, o guardião, o defensor, o que nasceu para servir. Kiriku atende à sua vocação. Com coragem, astúcia e ousadia, embora pequeno fisicamente, realiza a aventura, grande jornada espiritual. Como todo herói mítico, faz a experiência iniciática como busca de libertação. Para isso, enfrenta provas, obstáculos e retorna enriquecido beneficiando toda a aldeia.

A partir de agora a aldeia está reunida. Mães, filhos, esposas, maridos e crianças correm e se abraçam ao redor do lindo casal: Kiriku e Karaba. Isso é a paz...

(OCELOT,2016, p.50)

Um tanto pequeno, mas de ideal grandioso, Kiriku busca compreender, na raiz, a história de seu povo, por isso consegue libertá-lo.

Esse percurso arquetípico nomeado por Campbell como Jornada do herói constitui-se como patrimônio mítico-simbólico que engendra o imaginário como forma de representação do homem em sua condição. Nessa perspectiva, a aventura - essa imagem matricial simbolizadora da maturação humana em face da transitoriedade dos fenômenos - comporta a dinâmica das transformações internas pelas quais o ser humano passa em suas experiências.

De acordo com Wunemberger (s.d, p.31), “se um sujeito não pudesse referir um conteúdo simbólico à sua experiência do mundo, à vida humana, a imagem permaneceria fechada, ininteligível, à semelhança de um código do qual não saberíamos a chave.”

Tanto no livro, quanto na animação, a matéria narrativa, de natureza arquetipal, organiza-se sob os efeitos estéticos do maravilhoso, resgatado com forte qualidade de sentimento, de maneira a evocar um pacto esperançoso com o inexorável. Cada campo semiótico - no caso a literatura e o cinema - reinventa esse conteúdo imaginário de uma forma singular, de acordo com seus códigos e linguagens específicos, o que será analisado a seguir.

2 | O MOVIMENTO TRADUTOR: DA VOZ À TELA, DA TELA AO LIVRO

Como afirma Zumthor, em *Escritura e Nomadismo* (2005, p.48), “somos seres de narrativa, tanto quanto de linguagem”. Cada sociedade faz emergir maneiras diversas de narrar e a matéria narrativa migra por diversos suportes, hibridizando códigos e linguagens.

Eu gostaria de enfatizar o fato de que, dentro da existência de uma sociedade humana, a voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inúmeras formas de arte.

(ZUMTHOR 2005, p. 61)

A arte narrativa sempre foi indissociável da voz, “essa força física que temos em nós, que suporta nossa linguagem “ (ZUMTHOR 2005, p.53). Por meio da voz que narra, cria-se a cultura e um imaginário que sustenta as várias formas de arte.

Para Walter Benjamin (1994), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. No entanto, modifica-se, no tempo, essa arte de contar. Ainda que o narrador tradicional não realize a performance em razão das modificações por que passaram as sociedades, surgiram novos modos de narrar que se interpõem às experiências humanas, providenciando outros meios de produção de linguagem, propiciando novos diálogos entre mídias e artes, nova consciência de linguagem. Fato que, ao fim e ao cabo, expressa a capacidade humana de criação, revelando uma constante busca por modos diversos de expressão e pela recriação semiótica.

Tendo passado a infância na Guiné, local em que a cultura é basicamente oral (com o convívio de muitas línguas), Ocelot viveu muito de perto a experiência da narrativa, cuja movência é garantida pela transmissão basicamente oral. Conheceu a lenda de Kiriku com a qual dialogou em suas criações artísticas, seja no livro, seja no filme.

Como cineasta, roteirista, Ocelot recorre a uma linguagem altamente híbrida e intersemiótica – a cinematográfica - para recontar a lenda de Kiriku. Na verdade, escolhe a arte da animação – (animar - dar vida a algo, uma espécie de sopro de vida no universo cinematográfico). Conforme sabemos, o cinema é uma arte do movimento, o autor empresta o corpo à performance e o verbo além da sua função simbólica da informação, tem uma realização sonora icônica e performativa, na modulação da voz. No âmbito da recepção, o espectador fílmico, de certo modo, torna-se um ouvinte.

O cinema, ao aliar à temporalidade da narração fílmica a performance corporal, a voz, a imagem, faz-se como uma técnica de sutura, um suporte que engendra um imaginário significativo capaz de trazer à cena, de forma singular, a representação do narrar e do material narrado. No caso de *Kiriku*, diferentemente das recentes técnicas tridimensionais computadorizadas, tal efeito é obtido por meio da técnica bidimensional, pela qual utilizam-se cores chapadas, traços vetoriais e a repetição de gráficos compostos de imagens planas e de pouca profundidade. Para se chegar ao engenhoso e expressivo resultado dessa arte, foram realizados aproximadamente duzentos mil desenhos - as imagens e a sequência narrativa são tratadas com precisão e detalhes.

Com efeito, vale considerar algumas escolhas desse realizador para a produção do

longa-metragem, que revelam a pesquisa, atenção e deferência para com o lugar de onde vem a história. Para a execução da trilha sonora, - assinada por Youssou N'Dour, músico senegalês - foram utilizados instrumentos tradicionais da África, como balafon, ritti, cora, xalam, tokho, sabaar e o belon para as canções. As vozes dos personagens foram feitas por um elenco de atores do Oeste Africano e estudantes locais. A dublagem em inglês, também dirigida por Ocelot, foi realizada na África do Sul. Além disso, convirá sublinhar a entonação, a proposição do ritmo que engendra o gesto vocal, para as pausas e perceber a ressonância da voz de África (de língua oficial francesa ou portuguesa, mas singularizada pela convivência de outras línguas locais e realmente faladas pelo povo em seu cotidiano).

Kiruku e a feiticeira é uma co-produção. Criada em um estúdio francês, recebe animação nos estúdios Rija Films na Letônia e Studio na Hungria, seus cenários são realizados pelos animadores do estúdio Tiramisu, em Luxemburgo, a pintura digital e a composição foram feitas na Bélgica e vozes e música gravadas no Senegal. Com essa multiplicidade de operadores e refinamento de técnicas é que vem à tela esse filme protagonizado pelo minúsculo Kiriku. De fato, a narrativa em questão faz reverberar o percurso do herói, como vimos, entretanto, importa assinalar: a força física que suporta a linguagem - a voz que narra, nessa animação-, vai na contramão do imperativo e do ritmo frenético das animações contemporâneas. Narrada num ritmo lento, encenada por figuras estilizadas, mulheres negras com seios à mostra, Kiriku, criança cuja força se concentra em sua inteligência e astúcia, não esconde seu órgão sexual; nota-se o cuidado com a lógica que ordena a sequência narrativa com elementos e articuladores que acenam para a naturalidade do contexto em que os eventos (mesmo com figurações de violência e sexualidade) se dinamizam. Há um compósito de linguagens e de estratégias narrativas sofisticadas que levam a obra a ultrapassar o endereçamento a um público infantil, desafiando outras faixas etárias e experiências de vida diversas, engendrando de forma lúdica e reflexiva a beleza e complexidade da cultura africana.

Sabe-se que a versão fílmica da lenda precedeu a impressa, não é abusivo dizer que a animação de Ocelot corrobora as palavras de Deleuze (1990, p.87) quando diz: “O cinema não apresenta apenas imagens, ele as cerca com um mundo”. Convirá sublinhar o fato de que o cinema, como arte de fixar e reproduzir imagens que suscitam impressão de movimento, regenera a vocação narrativa do humano em contar e ouvir histórias, apresentando encadeamento de eventos que se sucedem no tempo e no espaço e dando visibilidade à transformação.

Se advogarmos a tese de que a narrativa é uma estrutura que organiza a experiência humana da temporalidade, somos levados a acolher a hipótese de que, enquanto a narrativa literária torna-se potente em sugerir esse mundo sensível por meio de imagens conceituais e formas linguísticas, a narrativa fílmica prima por mostrá-lo por meio de imagens perceptuais. Em ambos os casos, trata-se de uma manifestação de sentido de determinada apreensão da realidade, uma forma de conhecimento.

Ao nos atermos ao fenômeno narrativo relacionado à versão livresca da mesma obra, somos levados a acatar um olhar atento para o entrecruzamento de duas perspectivas: *diegética* - para a qual narrar é um discurso essencialmente verbal e a *mimética* - que considera a narração como o ato de “dar a ver” o que acontece, não necessária ou exclusivamente, por via verbal.

Nessa linha de raciocínio, importa reter como o leitor é introduzido nas páginas da história - mais como um visualizador – um espectador de cores e examinador de letras. No livro, as cores ficaram mais vivas. As imagens são de grande beleza e iluminadas, o tempo e o espaço são tecidos pelas cores e formas. O verbal confere uma dinâmica muito expressiva ao compor a pauta dos diálogos entre os protagonistas, na mesma proporção em que faz uma exploração do potencial descritivo das cenas – agora plasmadas nas páginas do códex. Aliando-se às imagens, o verbo roteiriza, dá temporalidade aos eventos e às ações. O ritmo da narrativa ganha nova mobilidade – a que requer do leitor o virar de páginas – o tempo da leitura - o examinar como o texto imagético e o verbal dialogam.

Nessa ordem de ideias, torna-se legítimo defender a importância de se perscrutar operações de linguagem que buscam traduzir eventos narrativos - para outros suportes ou mídias. Para Júlio Plaza (1987, p. 98), “a operação de linguagem de um meio para outro implica consciência tradutora capaz de perscrutar não apenas os meandros da natureza do novo suporte, seu potencial e limites, mas a partir disso, dar o salto qualitativo, isto é, passar de mera reprodução para a produção”.

Lembrando Walter Benjamin (1994), em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível. O que os homens faziam podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios; pelos mestres, para a difusão das obras, e, finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. A reprodução técnica da obra de arte, em contraste, representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, em saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. Com a reproduzibilidade técnica, um discurso se tornou comum: perde-se a artesanaria e a memória. No entanto, a animação que ora focamos se tece exatamente desses elementos.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as diversas searas artísticas, deslocam-se imagens e transitam arquétipos. O imaginário põe em circulação essas redes simbólicas, sinalizando valores, identidades, elementos que tornam ou podem tornar expressiva uma cultura ou um sistema social.

A forma de materializar cada arte difere pela linguagem, pelos códigos, pelo suporte, entretanto o espírito fabulador, herdeiro de um sonho coletivo, revela-se uno, guardando vínculo com a experiência humana.

A história de tradição oral recebe novo sopro de vida por via da animação

cinematográfica, aporta no livro ilustrado de literatura infantil e juvenil contemporânea, corroborando a ideia de que o nomadismo da voz se faz por meio da memória e de linguagens.

A recriação da figura do herói, cara a diversas sociedades e culturas, realiza-se por suportes e mídias diversos, do artesanal ao tecnológico, guardando o engenho fabulador, próprio da humanidade e reverenciando o sonho e o desafio que guia a aventura humana – o de superar situações-limites.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F.A. BAPTISTA, F. P. (Org.). *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 1)

BRANDÃO, J.S. *Mitologia grega*. Rio de Janeiro, Petrópolis. Vozes, 1997.

CAMPBELL, Joseph, et Bill Moyers. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. *O herói de mil faces*. Trad. Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JUNG, Carl. *El hombre y sus símbolos*. Barcelona: Luis de Caralt Editor, 1964.

MELETÍNSKI, E.M. *Os arquétipos literários*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

OCELOT, M. *Kiriku e a feiticeira*. Rio de Janeiro: Viajante do tempo, 2016.

OCELOT, Michel. *Kiriku e a feiticeira* (kirikou et la sorcière, França/ Bélgica/Luxemburgo, 1998). 74 minutos.

PLAZA, J. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Escritura e nomadismo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturaç o 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020